

29-09-2022

Depois de tantas mortes, Independência ou vida!

Annibal Coelho de Amorim

[Médico de Saúde Pública. Pesquisador IdeiaSUS]

Sete de Setembro na maioria das vezes retrata de forma ufanista o que teria sido o grito às margens do Ipiranga, tendo a imagem central de Dom Pedro I, braço direito erguido, espada em punho, defendendo a independência do Brasil de Portugal. Duzentos anos depois, o sete de setembro estimula uma reflexão individual e coletiva, em face dos inúmeros problemas que nosso país atravessa. Historiadores apontam que o quadro do grito do Ipiranga - de autoria do artista brasileiro Pedro Américo - foi inspirado em obras de artistas europeus mantendo elementos colonizadores, ainda que o grito simbolicamente buscasse representar independência ou morte. Dedico esta coluna aos aspectos mais recentes de nossa história, particularmente aos últimos três anos, em que enfrentamos a Pandemia da Covid-19 em meio à conturbada gestão de inegável impacto na vida de milhares de territórios existenciais. A celebração desse sete de setembro de 2022 deveria ter sido feita em profundo silêncio pela perda de mais de 680 mil vidas. Não há gritos que não sejam os de dor pela ausência de entes queridos, não há gestos que não sejam os de compaixão ou de empatia. Desfiles deveriam reverenciar profissionais de saúde como protagonistas da luta pela vida, ainda que em meio à carência/falta de equipamentos de proteção individual e ao atraso mal intencionado na vacinação. Vivemos tempos muito estranhos em que as dores vividas dão lugar a um desfile de forças nada ocultas, enquanto se observa que os recursos financeiros são secretamente retirados das áreas da saúde, educação, cultura e meio ambiente. O grito dos excluídos da vida é aquele que mais ressoa e deveria ser respeitado com a bandeira nacional hasteada a meio pau. Outro grito bem real provém daqueles com os pés descalços que, desesperados, buscam as sobras dos restaurantes ou dos caminhões que carregam restos de carcaças. Sobram gritos e falta empatia.

A pátria celebra mais uma vez a sua (in)dependência, deixando ao fundo a marcha fúnebre de 33 milhões de pessoas que morrem de fome, mas estes gritos não são sequer ouvidos! Em meio a tantas celebrações de independência não identifico uma gota de lágrima sincera, uma oração cheia de verdade, um gesto fidedigno de compaixão. Nenhuma coroa de flores foi apresentada civicamente em pranteamento coletivo aos que se foram e aos vivos que ainda sofrem por sua ausência. Tudo aponta, se me permitem, para a dependência. O que escrevo não é uma ode anti-independência, mas tão somente o chamamento à consciência cívica de quem celebra a vida Esse texto propõe a reflexão: de que (in)dependência estamos falando? De fato estamos falando da eterna dependência que se perpetua entre nós. Neste ano de 2022, de maneira ativa e ativa, duzentos anos depois de 1822, pensemos frente a um memorial invisível. E que daqui por diante, além da independência de Portugal, a data lembre os que se foram e os que ficaram com as "autoridades" ignorando os gritos cotidianos de brasileiros e brasileiras.

Apesar de D. Pedro I ter anunciado com gesto simbólico a independência do Brasil, continuamos dependentes de um conjunto significativo de valores que necessitam ser internalizados cívica, política e culturalmente. Senão vejamos: dependemos que nossos governantes tenham respeito histórico por nossos povos originários; que respeitem e valorizem os princípios da democracia participativa; que estejam sempre atentos às necessidades básicas do povo, independentemente de suas classes sociais; que observem que um Estado-nação não se faz independente enquanto seus concidadãos são subjugados a condições precárias de vida, sem direito a emprego, moradia, lazer, alimentação, aspectos essenciais à cidadania plena de um sujeito de direito.

Infelizmente dependemos de pessoas que empossadas em cargos honrem o seu juramento de amar à pátria, lembrando que a harmonia e a independência dos três poderes não pode jamais ser aviltada.

Precisamos, enfim, de autoridades que saibam de cor e salteado não apenas o hino nacional, mas que, acima de tudo, respeitem as regras de civilidade de quem vive sob o regime do Estado Democrático de Direito. Dia sim e outro também outras dependências nos aterrorizam.

Precisamos nos independermos da insegurança alimentar; das doenças negligenciadas; da discriminação da cor da pele. Precisamos lutar pela independência da violência desmedida de policiais e/ou milicianos nas cidades e/ou nos rincões do país. Precisamos gritar independência e vida e lutar contra a expulsão de povos originários dos seus territórios por garimpeiros ilegais... triste legado de duzentos anos de (in)dependência! Ainda que o coração de D. Pedro I esteja visitando a *Terra Brasilis*, constata-se que as autoridades têm seus corações muito distantes da realidade, mantendo seu povo em dependência extrema.

Triste constatação ... Assim, ao gesto de hastear e honrar nossa bandeira brasileira, devem se associar gestos patrióticos de prantear àqueles que não mais podem estender os braços em direção a filhos e ou parentes mais próximos. Ainda se faz presente o momento de chorar os que se foram mas poderiam estar entre nós celebrando o milagre da vida.

Mas os lamentos e a tristeza que enlutam a pátria não sensibilizam o país a enfrentar esta centenária e sofrida dependência na vida nacional. Após o último Sete de Setembro, o Rio do Ipiranga pode ser simbolicamente representado por um rio que chora, com a soma das lágrimas derramadas por mais de 680 mil brasileiros e brasileiras.

Estamos cada vez mais distantes de celebrar a independência do Brasil enquanto, de forma cerimoniosa, não sentirmos o peso dos milhares de corações enlutados, envolvidos em uma tristeza nada silenciosa.

**Precisamos inaugurar um monumento em homenagem
aos gritos e aos pedidos de vida das pessoas
durante a Pandemia ! Cada cidadã(ão) que o visitasse
deveria tocá-lo para lembrar que um dia essa pátria
amada Brasil se tornará realmente independente
de tantas dependências vis ...**

**Depois de tantas mortes, de modo patriótico,
é a independência da vida que devemos celebrar!**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.